

Quando a arte transforma vidas

Alunos de uma escola pública de São Sebastião mostram talento com a pintura

MARCELO ABREU
DA EQUIPE DO CORREIO

No início, era um rabisco. O rabisco criou forma. A forma, arte. E a vida de crianças e adolescentes carentes de São Sebastião começa a tomar um outro rumo. Descobriram-se artistas. Capazes de produzir, inventar, refazer, reciciar. Descobriram-se, antes de qualquer coisa, parte de alguma coisa. E pela primeira vez fez gente como Vandiley Santos, 17, Francisco Silva, 18, e os irmãos Fagner, 17, e Valmir Landim, 18, sentirem-se importantes.

Assim poderia ser resumida a história de pelo menos 50 alunos do Caic-Unesco de São Sebastião. Mas é muito mais que isso. Meninos e meninas entre 7 e 18 anos de idade, do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. Eles fazem parte do projeto Sala de Recursos de Altas de Habilidades. O nome é grande. Pomposo. E funciona assim: quem tem algum talento é convidado para participar do projeto. Lá, sob a coordenação de uma abnegada professora de Artes Plásticas, são estimulados a desenvolver suas aptidões. As habilidades específicas de cada um são levadas em conta.

Ela, a professora, levou isso a sério. Muito a sério. Numa sala minúscula do Caic, uma vez por semana, em horário contrário ao das aulas normais, os alunos iam em busca de alguma coisa que na verdade nem sabiam o que era. Ouviram coisas sobre História da Arte, falaram sobre drogas, sexo, fome, desemprego. Olharam-se no espelho. Sentiram-se donos de suas próprias vidas.

Filhos de padreiros, pedreiros, frentistas, marceneiros, garis, domésticas, enquanto discutiam tudo isso, os alunos da Sala de Recursos daquela escola pública extremamente carente rabiscavam suas histórias. Era a arte criando cara. Com grafite preto e papel canson, pintaram figuras abstratas, surreais, paisagem morta e muitos retratos. Ora reprodução, ora ao vivo, onde a modelo posa sua frente. Criaram até um gibi, com desenhos e textos próprios.

Quatro anos depois, a professora Cristina Neves, de 29 anos, aquela que acreditou na capacidade daqueles meninos, mostra o que de melhor eles produziram. São obras de arte com extremo bom gosto, tanto na luz, sombra, textura, forma. É o que melhor sabem fazer.

Quatro anos depois, pelo menos de uma coisa não se pode contestar: em São Sebastião, nasceram verdadeiros artistas. "Nunca tive dúvida sobre o talento deles", extasia-se a professora Cristina, diante das obras.

Beleza com arte

Como toda história ganha o mundo, o talento dos artistas de São Sebastião ultrapassou os 26 quilômetros que separam a cidade do Plano Piloto. A professora Cristina contou a uma amiga sobre o trabalho que desenvolvia no Caic. Levou alguns dos quadros.

A empresária Juranda Carvalho, 40 anos, não acreditou no que seus olhos viam. "Fiquei impressionada como tanto talento", lembra Juranda. E pediu para que alguns daqueles retratos ficassem na sua loja para saber o que os clientes iriam dizer.

No Depil Place, uma clínica de estética e beleza na 405 Sul — freqüentada por mulheres e homens de classe média e média alta — os quadros ficaram expostos. Logo as pessoas começaram a perguntar de quem eram. E a história se espalhou. Ofertas de compras logo surgiram. E veio, então, uma grande ideia: por que não levar a arte para a clínica?

A professora chamou os alunos. Contou-lhes sobre a possibilidade. Eles toparam. Na tarde de ontem, lá estavam quatro deles, numa clínica de estética, pintando as clientes, ao vivo. Toda quinta-feira, dois deles irão à Asa Sul. "Chamaremos o projeto de Beleza com Arte. Tem tudo a ver uma coisa com a outra", explica a empresária Juranda.

A professora Cristina emenda: "O pagamento será em cestas básicas, roupas

Fotos: Daniel Ferreira/CB



OS ALUNOS DO CAIC-UNESCO AGORA PINTAM CLIENTES DE UMA CLÍNICA DE ESTÉTICA: DINHEIRO DA VENDA DOS QUADROS SERÁ REVERTIDO PARA A COMPRA DE MATERIAL DE PINTURA E DESENHO

“
A ARTE ME
DEIXOU MAIS
INTERESSADO
NAS COISAS. ACHO
QUE SER ARTISTA
É SABER CRIAR,
TRANSFORMAR
”

Valmir Landim,
18 anos, especialista em desenhos com
traços orientais

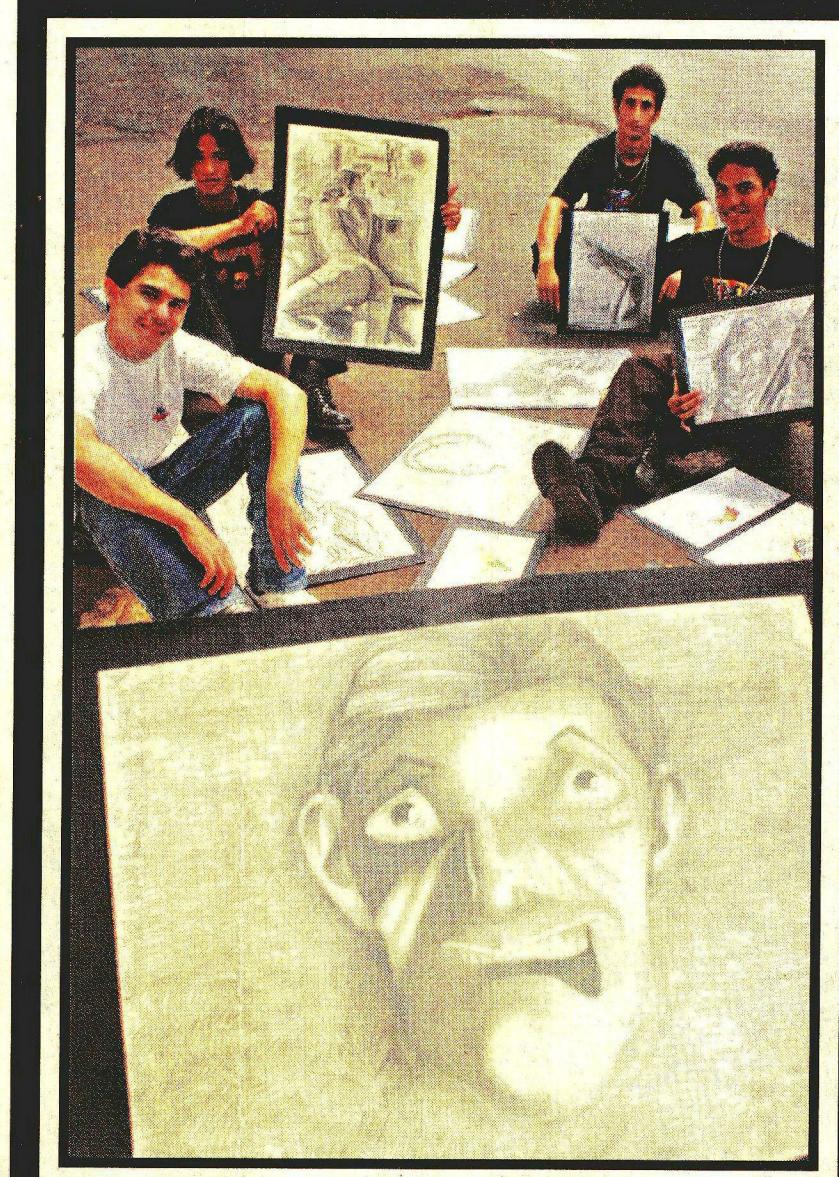
usadas e pode ser também em dinheiro, que será revertido para a compra de material de pintura e desenho". Revela: "Tem dia que alguns dos alunos do projeto não têm o que comer em casa. Há meninos que desmaiaram na sala de aula. A carência ali é de toda a ordem".

Pela primeira vez

No início da tarde de ontem, Vandiley, Francisco e os irmãos Fagner e Valmir chegaram ao Plano Piloto. Para alguns deles o máximo que conheciam era a Rodoviária. Sem dinheiro da passagem de ônibus, a professora Cristina foi buscá-los em São Sebastião. De lá, seguiram para a 405 Sul, onde irão pintar pessoas e mostrar seus trabalhos.

Visivelmente emocionados, os quatro adolescentes mal conseguiam acreditar que estavam em Brasília. Vislumbraram as quadras. Sentiram-se mais importantes ainda. "A arte me deixou mais interessado nas coisas. Acho que ser artista é saber criar, transformar", reflete Valmir, especialista em mangás (desenhos com traços orientais).

"Não dá mais pra ver a vida sem arte", alegra-se Vandiley, que trabalhava como ajudante de pedreiro e hoje celebra a nova vida em suas telas. Fagner, mes-



FRANCISCO (E), VALMIR, VANDILEY E FAGNER: ARTISTAS DE SÃO SEBASTIÃO

tre na técnica de pintar pessoas, avalia: "Auto-estima é ter determinação. É isso que faz a gente acreditar em alguma coisa". Francisco, cobra em caricaturas, emenda: "O que incentiva a gente é o reconhecimento. É saber que estamos no caminho certo".

A professora Cristina ouve seus alunos falarem. Emociona-se. Lembra-se das dificuldades que enfrenta todos os dias para levar o projeto à frente. E tem a certeza de valeu a pe-

na chegar até aqui. Os anônimos artistas de São Sebastião são a prova incontestável disso tudo.

DOAÇÃO

Quem quiser ajudar os artistas de São Sebastião com material de desenho e pintura pode entrar em contato com Cristina (9987-9696) ou Juranda (443-6807)

SOBRAM IDÉIAS, FALTA DINHEIRO

Depois de dez anos de Fundação Educacional, ela ganha menos de R\$ 2 mil por mês. Administra uma matemática complicada: é o tal do aperto daqui, tira dali, enxuga acolá. Às vezes, atrasa o aluguel do apartamento onde mora, na Asa Norte, para comprar o material que usa com os alunos no Caic.

Com mil idéias na cabeça e nenhum dinheiro no bolso, a professora Cristina Neves (foto), de 29 anos, solteira, sem filhos ("tenho pelo menos 50", brinca, referindo-se aos alunos), acredita que podia transformar vidas. Numa sala apertada do Caic de São Sebastião, fez crianças e adolescentes sentirem-se artistas. Ensino-lhes coisas como História da Arte e cidadania. Mostrou um novo mundo possível.

Formada em Artes Plásticas pela Faculdade Dulcina, com especialização em Educação, Cristina já deu aula para presos da Papuda e para mulheres e crianças vítimas de violência doméstica. "São histórias de cortar o coração", lembra.

Na sessão de fotos de ontem para o Correio — feitas na 405 Sul — a artista plástica Mi Cavalcante, autora de exposições individuais e coletivas, parou o carro. Quis ver aquelas telas. Ficou impressionada com o que viu: "São muito boas. Os meninos têm muito talento". A professora Cristina apenas ouviu.

Essa história, na verdade, está apenas começando. (M.A.)

